

Entrada da nova rua «Vinte e Quatro de Julho», junto da egreja de Santos, no aterro da Boavista

É o porto de Lisboa um dos melhores e mais gabados do mundo. O Tejo, desde a foz até muitos kilometros rio acima, tem margens bellissimas, porém tão mal aproveitadas, e n'algumas paragens tão obstruidas e atravancadas, que não ha estranho que deixe de lastimar a nossa incuria, dando por mal empregado tão raro primor da natureza em gente que não sabe utilisal-o.

Sobre tudo a margem do norte, desde Belem até Xabregas, que fica ao sopé da povoação da cidade, está desde seculos n'um estado vergonhoso. O aspecto da praia desde Alcantara até Ribeira Nova foi sempre repugnante, pela torpeza dos barracões e telheiros que para alli se tinham accumulado, e por servir de vasadoiro commum, chegando a ter sordida celebridade as lamas da Boavista.

O primeiro que planeou fazer um bairro maritimo n'esta margem do Tejo, cremos que foi o actual architecto da cidade, o sr. Pedro Pézerat, que em 1844 apresentou um projecto para se construirem docas e caes desde a praia da Boavista até á de Santos. Mas este projecto não foi ávante.

Em 1854 obteve o conde de Lucotte a concessão do caminho de ferro de Cintra, e juntamente os terrenos que conquistasse na margem direita do Tejo, para ahi construir docas e aformosear esta praia até Pedroiços, onde haveria um grande estabelecimento de banhos.

Este emprezario começou as obras para o caminho de ferro, da torre de Belem para baixo, que hoje estão inutilisadas, mas nunca deu principio ás que se obrigára fazer entre o caes da Ribeira Nova e Alcantara. Sobreveiu a febre amarella em 1857; e, no anno seguinte, o governo, temendo novo accommettimento d'este flagello, pediu ás cortes auctorisação para contrahir um emprestimo applicado a beneficiar a cidade, por meio de nova canalisação e outras obras de salubridade publica. Para tal fim votou o parlamento 800 contos de réis, parte dos quaes deviam ser empregados para aterrar os lodos da Boa-vista.

Já antes de fazer esta proposta, tinha o governo, por portaria de 30 de maio de 1858, encarregado o director do Instituto Industrial, que então era o sr. José Victorino Damazio, de proceder immediatamente ao aterro da margem do Tejo desde o boqueirão da Moeda até á praia de Santos, por conta da empreza Lucotte, que tinha deixado de cumprir esta clausula do seu contrato.

Fez aquelle engenheiro o plano da obra, que apenas consistia em um aterro de 50 metros, avançando sobre o rio, sustentado por um muro provisorio de alvenaria, armado de quatorze linguetas, que servissem de contraforte á muralha, e de plano inclinado para os botes se poderem recolher ao atterro nos temporaes, e tambem para desembarque.

Foi este plano, ainda que mui acanhado, posto logo em execução, porque era urgente remover d'alli tão perigoso fóco de infecção. Começaram-se e proseguiram os trabalhos com rapidez nunca vista em obras publicas, até que foi entregue á camara municipal.

Os proprietarios que n'aquella praia tinham estaleiros, armazens, e até cascos de navios velhos encalhados para deposito de madeiras e outros generos, levantaram grandes clamores contra obra de tão reconhecida necessidade, chegando alguns a embargal-a, e outros a resistir á justiça, querendo por força que se lhes mantivessem os aforamentos, de longa data, que haviam feito á camara, quando por um tombo concluido no principio d'este seculo, já o fiscal do antigo senado informava que se deviam rectificar as medições, porque os foreiros d'aquelles chãos tinham usurpado muito terreno de que não pagavam nada.

Foram porém deattendidas todas as reclamações que se houveram por injustificaveis; a obra do atterro continuou, fazendo-se varias expropriações, entre ellas todos os predios que foi necessario demolir para romper o novo caminho, á beiramar, que vae da praça de D. Luiz desembocar na rua das Janellas-Verdes, junto á egreja de Santos, por baixo da qual, abrangendo tambem o jardim do palacio dos marquezes de Abrantes, se fez a grande muralha que mostra a gravura da primeira pagina.

A este novo transito se deu o nome de *rua Vinte e Quatro de Julho*, dia da entrada do exercito libertador em Lisboa no anno de 1833.

Tem esta nova rua de cada lado uma linha de arvores, e outra de candieiros de gaz em todo o seu comprimento, que é de 1160^{m}, por 20^{m}, de largura.

O DOUTOR

(Vid. pag 293)

Os sons de uma orchestra e a illuminação quasi apparatosa de uma das casas da terra, moveram a minha curiosidade ao ponto de perguntar á dona da locanda onde nos recolhemos:

— Ha baile esta noite no sitio, patrôa?

— Nada, não, meu senhor: por cá nunca ha bailes!

— Todavia a orchestra que d'aqui se ouve...

— A musica?

— A musica, sim, o que significa?

— Isso é a philarmonica!

— Ahi me dá razão: terra que tem philarmonica, dá baile certo!

— Está o sr. enganado; é a mocidade do sitio que se exercita n'este entretenimento duas noites por semana, para pôr-se em termos de tocar quando seja preciso n'alguma festa de semana santa, e acompanhar alguma procissão da terra!

— Estão n'um ensaio, visto isso?

— Sim, senhor.

Santos olhou para mim, eu olhei para Santos, e foi como se nos convidassemos tacitamente a ir por um instante ao ensaio dos philarmonicos de Montemór. Emilia Letroublon pediu para não a deixarmos só, e convencionou-se que iria cada um de nós por sua vez, ficando o outro a fazer-lhe companhia. Santos partiu adiante, e demorou-se mais de um quarto de hora; na volta, avistei-o dando o tom mais grave áquella physionomia quasi tragica, que a natureza destinou por uma excentricidade para galan comico, e juntando as sobrancelhas — maravilha que alcança em se pondo serio — disse-me com um gesto de melodrama:

— Sabes que ha um talento n'esta terra?

— Porque não havia esta terra de ter um talento!

— Mas um artista inspirado e admiravel, como raramente os teus folhetins tem occasião de saudar na capital.

— Algum resto de deus que ficou esquecido das antiguidades de Evora, e que veiu residir em Montemór?

— Faze-me o favor de ires ao ensaio, e escuta um homem que lá está ensinando um solo de rebêca a um rapazito.

— Principio a acreditar-te menos. Que o rapazito fosse um genio, admitte-se; mas que o seja tambem o professor de rebeca de Montemór!

— Vae escutal-o, e volta. Disseram-me que não é professor de rebeca, mas advogado; interessa-se por um pequeno que está por seu discipulo, e toca unicamente para o ensinar; vae ouvil-o quanto antes, faze favor!

Embucei-me melhor no meu coberjão de jornada, e saí da estalagem em direcção á philarmonica. Pedi licença a um dos directores para entrar na sala, e, logo que me foi concedida, encontrei-me em pleno ensaio. Estava effectivamente um moço de doze a quatorze annos aprendendo um solo, e, de vez em quando, o que parecia servir-lhe de mestre, executava na rebeca, n'um estilo amplo, uma melodia admiravel de sentimento, de elevação, de divina poesia. Affirmei-me para dar credito aos meus olhos. Era elle, era o meu Vasco, o meu heroe da trapeira, o sublime poeta da musica, a quem fui encontrar em Montemór executando um trecho na rebeca detestavel do discipulo, e restituindo-lh'a logo depois, como receando conserval-a entre os dedos.

— Pobre Vasco! pensei eu tristemente. Não haverá tido energia e vontade, e provavelmente succumbiu na lucta. Voltou á chrysalida a borboleta!

Como duvidando ainda que fosse elle, fui pé ante pé collocar-me ao lado do discipulo: reconhecemo-nos logo, atirámo-nos aos braços um do outro, e, depois de mil abraços e mil apertos de mão, levou-me para a sala do bilhar onde não estava ninguem, e façam agora idéa do que alli choveu de perguntas umas sobre outras sem dar tempo á resposta.

— Fallemos primeiro de ti, disse elle insistindo: depois tocará a minha vez.

— Nada tenho a contar-te, redargui. A minha existencia decorre pautada em successivas folhas de papel almasso. Renovo a urna das Danaides n'um folhetim sem fundo, que encho todas as terças-feiras, e todas as terças-feiras preciso novamente encher. Tenho peregrinado por esse mundo, vagando sósinho de terra em terra, e arrastando a curiosidade do fastio. Fallemos de ti. Ha tal que nunca saíu do lar paterno, que sabe mais do que os que giram sempre. Por que motivo venho aqui encontrar-te, tendo-te deixado ha annos em Lisboa, enthusiasta pela arte, namorado da gloria, phrenetico, e na ancia do talento?

Ao ver que se calava, receei haver-lhe offendido o amor proprio n'alguma susceptibilidade dolorosa.

— Peço-te desculpa de tanta pergunta, Vasco, tratemos unicamente da alegria de tornarmos a ver-nos.

— Amigo, disse elle em fim, tens algum negocio grave que te obrigue a partir quanto antes?

— Nunca tive negocio grave na minha vida senão um — viver!

— Vieste de Lisboa?

— Volto de Evora.

— Sósinho?

— Com dois artistas do Gymnasio. (Santos e Emilia Letroublon não estavam ainda no theatro normal).

— Não pódes sem fazer-te transtorno dar-me um dia ou dois?

— Vou despedir-me d'elles, ou convidal-os a que fiquem até ámanhã á noite n'esta villa.

— Deves-me isto depois de uma separação que dura ha tanto tempo; de mais a mais comprehenderás melhor o que tenho para te dizer, depois de passares algumas horas em minha casa.

— Não tenho pressa alguma, e ponho-me á tua disposição.

— Vae pois explicar-te com os teus companheiros, e ámanhã passas o dia commigo.

Voltei á estalagem; Santos queria matar-me quando lhe propuz demorarmo-nos um dia em Montemór, e ameaçou-me de não me deixar o meu quinhão n'um delicioso prato de linguiça com ovos, que a voracidade de nós tres disputou de um a outro, sem attendermos sequer a Emilia Letroublon, que nos advertia dos preceitos da delicadeza, aconselhando-nos a cedermos-lhe o resto a titulo de ser senhora. Dava-se, porém, um ponto gravissimo em tudo isto, o qual era não haver mais linguiça na estalagem de Montemór!..

Finda a ceia, os dois estimaveis artistas seguiram jornada, e eu fui-me deitar, alegre, ancioso, inquieto por ver chegar a manhã e ir para casa de Vasco.

A manhã chegou, e com ella um bilhete do meu amigo: pedia-me que não fosse antes da uma hora por não poder absolutamente estar em casa. Entretive-me a escrever para Lisboa, e á uma hora disse á dona da locanda:

— O sr. Vasco, sabe onde móra?

— O doutor?

— Um sujeito que toca muito bem rebeca!

— Ó sr. Cypriano, interrompeu a estalajadeira dirigindo a palavra a um freguez que bebia tranquillamente o seu meio quartilho da sobremesa, vocemecê sabe se o doutor toca rebeca?

— A modo que tenho umas luzes de ouvir contar isso á Maria da Graça que esteve lá na casa a servir, e que diz que mesmo a familia se queixava d'elle caír n'essa censura.

— Então, será isso! Eu digo ao meu pequeno que lhe vá ensinar a casa.

Quando chegámos, foi Vasco em pessoa quem me abriu a porta. Pegou-me da mão e introduziu-me n'uma sala grande onde estavam duas senhoras sentadas no vão de uma janella. Conduziu-me até perto d'ellas e dirigindo-se á mais edosa:

— Minha mãe, disse nomeando-me, este é o amigo de quem tenho fallado aqui tantas vezes!

Depois, apresentando-me á mais moça, que se havia posto de pé para me receber:

— É minha mulher, acrescentou.

Fiquei por instantes perturbadissimo; tinha deitado contas a um jantar de rapazes, e não cuidava ir encontrar Vasco feito chefe de familia. Fiz reparo na mulher, que não era feiasinha. A mãe era cega, e parecia pessoa de genio caustico.

— Tem vossa senhoria por amigo uma pecêta só fina, disse ella em tom azedo: quero crer, sem lhe fazer mercê, que ha de ser melhor do que elle!

— Mamã, disse Vasco suavemente, o meu amigo é tão modesto e tão indulgente que não póde dar-lhe os *amens*.

Cuidára primeiro que a mãe estava gracejando; mas, pela attitude do filho, percebi que fallava sériamente, e não me restou duvida quando ouvi a esposa retorquir:

— Vamos lá com isso, mamã, não deve ralhar com elle; este mez tem trabalhado e merece louvor.

— Pois sim, pois sim, é um refinado mandrião, que parece que não nasceu para ganhar a vida como todo o homem que se respeita!

— É ás vezes cruel, mamã! — disse Vasco beijando-lhe a mão.

N'este momento abriu-se a porta da sala para dar passagem a tres raparigas, nem muito bonitas nem muito moças, a exceptuarmos uma que parecia estar na manhã da vida, e á qual não faltava graça, nem certa elegancia. As outras duas podiam ter de vinte e oito a trinta annos; davam idéa d'aquellas flores desmaiadas que murcham antes de abrir, e a que não faltou para desabrocharem senão uma pouca de brisa e de sol. Comprimentaram-me com um modo sêcco, em quanto a mais moça me examinava com olhar curioso. Vasco disse-lhes simplesmente o meu nome, e, ao ouvirem-n'o, a mais moça sorriu, e as outras ficaram, como diz o povo, *sorridas*. Fez-se roda á céguinha, e principiou-se a conversar. Fallou-se de Lisboa.

— Terra da perdição! — dizia a mãe.

— O Vasco não fez lá poucas extravagancias — acrescentou a irmã mais velha, mordendo os beiços.

— Se Deus me der um filho por meus peccados, já lhes posso dar a minha palavra de que não ha de lá pôr os pés! — redarguiu a esposa.

— Roubam-se alli meninas a toda a hora do dia!

— E eu gostava bem de lá ir! — disse a terceira com um suspiro.

Durante o pouco tempo que durou a conversa, descobri que todas aquellas mulheres se detestavam umas ás outras. Devia de ser aquella casa um inferno. As duas donzellonas tinham inveja da cunhada, que invejava ella propria as graças e distincção da mais nova. Vasco estava calado, e eu chorava por elle no fundo do meu coração.

Uma gorda creatura, que accumulava em casa de Vasco as funcções de cozinheira e criada, veiu annunciar que estava a sopa na mesa, e passámos á casa de jantar.

Pelo fragmento de conversação que acabo de citar, póde facilmente fazer-se idéa do que durante o jantar se diria.

O que principalmente me causou sopresa, foi que, a exceptuarmos a irmã mais nova, que parecia estimar immenso seu irmão, tratavam o dono da casa com uma semceremonia que podia tomar-se, em caso de necessidade, por desprezo e desdem com sua porção de dó. Em vez de se mostrar agastado por isso, Vasco tratava a mãe, a esposa e as irmãs com o maior respeito e meiguice.

Pois não caí eu em fallar do talento de Vasco para a rebeca! O coitado do meu pobre amigo olhou-me como quem pedia misericordia, mas já não era a tempo. Chamaram-lhe maluco, extravagante, poeta, que tudo isto são palavras que tinham egual significação no conceito d'aquella familia. A mãe declarou que o mono da rebeca tinha fortuna de ella ser cega, aliás a haveria feito em achas, e atirado ao lume se podesse deitar-lhe a mão.

— Ah! Vossa senhoria, exclamou a esposa com voz de compungida, não póde formar uma pequena idéa dos transtornos que a rebeca tem causado a meu marido!

— A rebeca é que o deitou a perder! — acudiu d'alli uma das donzellonas.

— E ainda se elle tocasse coisa que tivesse termos! — disse a outra.

— Mas, coitado, elle nem geito tem para acompanhar uma contradança! — replicou a esposa com ares piedosos.

Vasco estava com lagrimas nos olhos, e vi a irmã mais nova apertar-lhe, ás escondidas, a mão debaixo da mesa.

Estava quasi a terminar-se o jantar quando appareceu um *bruta-montes*, especie de bicho feroz, de andar pesado, modos de finorio, meio raposa, meio hippopotamo. Entendi logo que tinha na minha presença o sogro de Vasco, espertalhão que dera a filha ao mancebo com um dote de dois contos de réis, e lhe vendêra a casa em que estavam morando, e mais uma adega ao lado, que não lhe servia para nada, por dois contos e trezentos mil réis, desembaraçando-se, por junto, de uma casa que não se vendia, e de uma filha que não se casava.

Entrou o lapuz de mãos nas algibeiras, chapeo na cabeça, com os ares atrevidos de um credor mal criado em casa do devedor. Ou por não ter reparado na presença de uma visita, ou por não querer fazer caso, principiou logo n'um latido de cão de quinta:

— Os doutores no meu tempo offereciam menos pratos á sobremesa, mas mettiam mais pão no forno!

Vasco ergueu-se a estas palavras, pallido e frio de colera.

— Ah! sr. meu genro! — exclamou o amabilissimo sogro, sem lhe dar tempo de responder — sei bonitas coisas a seu respeito; acabam de me dizer que recusou ahi uma causa a pretexto de ser má, e que já em outras occasiões tem dado esta patada. Vossê quer desgraçar a minha filha, e reduzil-a a não ter de comer mais dia menos dia?

— Penso que se esquece, respondeu Vasco dignamente, de que sua filha é minha mulher, que os meus

negocios não são os seus, e que sou o dono d'esta casa!

— Ó desgraçado, rompeu a mãe em gritos, ultrajas o teu bemfeitor! Não te falta mais do que despedires tua mãe e tuas irmãs!

— Com mil diabos, resmungava o sogro, dou-lhe um dote para o casamento, cedo-lhe a casa, dou-lhe de graça, por assim dizer, a adega, deve-me ainda orça por duzentos mil réis, e entende que não estou no meu direito de olhar pelos seus negocios! Pague-me primeiro, e eu o deixarei socegado; mas não sou agora um Manuel Cóco para vossê estar a espinotear nos seus interesses á minha custa.

— Ah! sr. Tiburcio, isto foi sempre uma cabeça de vento! Este rapaz é que matou de desgostos o meu sempre chorado marido, que Deus haja.

— Que infelicidade a minha! Que desgraça, Jesus Maria! — exclamou a esposa de Vasco, atirando comsigo n'um rio de pranto aos braços de seu pae.

— Indo por este andar, accrescentou uma das donzellonas, cedo perderá a estima das pessoas de bem!

— Não faças caso, murmurou a irmã mais moça, beijando-o; nosso pae, que está no ceo, deita-te a sua benção, e eu na terra quero-te de toda a minha alma!

Vasco apertou-a ao coração com ternura. Depois, acenando-me para que o seguisse, saiu impassivel e grave.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.

SELVAGENS DA ILHA DE BORNEO

Fomos nós os portuguezes que descobrimos o grande archipelago que veiu alterar a divisão do globo terraqueo, constituindo a quinta parte do mundo, que os geographos denominaram Oceania. E todavia, nas modernas viagens rara vez somos citados, sendo os auctores em geral tão minuciosos na historia e ethnographia d'aquelle grande Oceano.

O *Tour du Monde* publicou ultimamente tres «*Viagens á ilha de Borneo*». A de Dumont d'Urville em 1837-40; a do dr. Schwaner em 1843-47; e a de mad. Ida Peeiffer em 1852. Pois em nenhuma d'ellas se diz que foram os portuguezes que a descobriram no principio do seculo XVI; que fizeram paz com o rei de Borneo; e que tiveram alli feitoria para o commercio das drogas em que abunda aquella grandissima ilha; nem tão pouco que alli estiveram missionarios portuguezes ainda nos fins do seculo XVII. Nada d'isto, que não é ignorado, alli se diz!

Nos tratados de Geographia achâmos coisas a este respeito que fazem rir; como é, por exemplo, dizerem, alguns, que o nome de Borneo fôra dado a esta ilha pelos hollandezes, quando desde o seu descobrimento todos os nossos chronistas da Asia assim lhe chamam.

Diga-se pois, e repita-se, que el-rei D. Manuel foi o primeiro que em 1508 mandou uma frota commandada por Diogo Lopes de Sequeira ao descobrimento do estreito de Malaca; o qual passando adiante aportou á ilha de Sumatra, na Oceania, pondo os padrões de pedra que levava para balisas das nossas navegações, nas cidades de Pedir e de Pacem. N'esta expedição ia o celebre Fernão de Magalhães.

Tres annos depois, em 1511, tendo o grande Affonso de Albuquerque conquistado a cidade de Malaca, enviou uma armada de tres naus e um junco, commandada por Antonio de Abreu, com cartas e presentes del-rei de Portugal para os reis das Molucas, ilhas de Banda, de Amboino, e outras na Oceania, para assentar com elles o commercio do cravo, que de boamente nos concederam.

Em 1522 já tinhamos uma fortaleza em Ternate; e logo depois foi D. Jorge de Menezes a Borneo, onde desembarcou, e fez grandes presentes ao rei, a que este retribuiu, ficando amigo dos portuguezes.

Em 1530 foi Gonçalo Pereira enviado por el-rei D. João III tambem a Borneo, para compor as dissensões civis que alli havia. Já então tinhamos lá uma fortaleza. O rei d'aquella ilha andava vestido de velludo de côres á portugueza, e a sua guarda de honra era de portuguezes.

No seculo XVI foram os padres theatinos de Lisboa missionar a Borneo, estabelecendo-se juntamente alli uma feitoria para o nosso commercio. Foi por director d'esta missão o padre D. Antonio Vintimilha, o qual sobre bornezes escreveu muito; e d'elle tomâmos a resumida noticia d'esta ilha, a maior do mundo depois da Australia (que tambem foi descoberta pelos portuguezes); noticia que escolhemos por ser conforme com o que dizem os modernos viajantes, menos quanto ao mortal vicio de fumarem opio, homens e mulheres, vicio que introduziram entre aquelles pobres selvagens os hollandezes e inglezes, que depois de nós os tem dominado.

Eis o que diz em resumo o padre Vintimilha:

«Borneo é uma das infinitas ilhas que ha no mar Oriental, situada acima da ilha de Java, ou Nova Batavia; e é a maior de todas as ilhas que ha na Asia, e fica muito perto das Molucas, defronte do cabo de Camboja, e das cidades Pam e Patane de Malaca. É esta ilha muito grande, e tem de circunferencia mais de quinhentas e cincoenta legoas. O seu terreno é fertilissimo, e muito abundante de todo o genero de mantimentos necessarios para a conservação da vida.

Abunda em camphora ou camphor, producção de certas arvores tão grandes, que á sua sombra se póde abrigar grande numero de pessoas, e esta não só muita, mas finissima, e não fingida, como a da Persia. N'ella se acha tambem immensa copia de diamantes de maior valor que os de Golconda, de pedras bazares melhores que as de outras terras; pimenta maior que a de Sirúla, madeiras muito fortes, grande copia de minas de oiro, e outros metaes; e finalmente notavel abundancia de tudo quanto se procura e se acha em todas as outras partes do Oriente. Ha n'esta ilha uma cidade que tem o mesmo nome: é muito populosa, e tem seu rei, e é cercada de um muro de ladrilho; dentro d'ella ha cem annos já havia mais de vinte mil casas, nobres edificios, e uns sumptuosos palacios em que os reis residem. Habitam em Borneo, Lave, Tanjapura, Maduró e Ceravá, portos principaes da dita ilha, muitos e mui ricos mercadores, que fazem commercio em Malaca, Sumatra, Sião na China, e outras partes, a que levam diamantes, camphora, pau de aguila, e generos comestiveis, e um vinho a que chamam Tampor, que dos artificiaes é o melhor. Os seus habitadores são gentios, adoram o sol e a lua: é gente muito contraria ao furor da guerra, pelo que quando o seu rei a faz, logo o matam; e assim os seus reis todos procuram ser pacificos; e a paz conservada tem pela maior honra e gloria do mundo. Entre elles não ha ladrões, nem homicidas, que tanta é a paz e concordia em que vivem; e porque os castelhanos em tempo antigo lhe moveram a guerra, d'esta nação são inimicissimos. A estes povos se dá o nome de beajús. Os portuguezes, e outros europeus, até agora a não exploraram toda, merecendo ella tanta estimação e diligencia».

A ilha de Borneo tem 3 a 4 milhões de habitantes, divididos em differentes estados, parte independentes, e parte vassallos dos hollandezes. Os do interior são da raça Malaia, porém mais claros, altos, robustos e de bom parecer. São muito engenhosos nas artes mechanicas; mas alguns são tão supersticiosos, que se tornam ferozes e sanguinarios.

De 1702 a 74 foram-se os inglezes apossando de toda a costa de sudoeste e nordeste; e costumam ter alli uma estação naval. Os hollandezes, com inveja do progresso que alli vae fazendo o commercio inglez, tem augmentado a guarnição e marinha que sustentam ha muitos annos n'aquella ilha, que é tres vezes maior que toda a França, pois os geographos modernos lhe dão 710:000 kilometros quadrados de superficie.

A cidade de Borneo foi bombardeada pelos inglezes em 1846, por causa de malfeitorias que os indigenas fizeram aos subditos d'esta nação.

Consta-nos que ainda alli ha restos das fortificações que tivemos ao longo d'aquella costa, que mede 3:500 kilometros.

De tudo quanto possuimos outr'ora na Oceania, apenas nos resta a colonia de Timor, para cujo progresso muito hão de concorrer as acertadas providencias que tem tomado o actual ministro da marinha, o sr. Mendes Leal.

BARBAS DE D. JOÃO DE CASTRO

Nenhuma reliquia historica possuimos hoje mais preciosa e nomeada; nenhuma tanto para se mostrar e venerar como a que encerra o monumento gravado na estampa da ultima pagina d'este num.

Sabia-se pela affirmativa de Jacintho Freire de Andrade, na *Vida de D. João de Castro*, impressa em 1561, que os cabellos da barba do famoso vice-rei da India, por elle mandados dentro da carta que escrevêra á camara de Goa, como penhor do emprestimo que lhe pedia para restaurar a fortaleza de Dio, *se haviam recolhido n'uma urna ou pyramide de cristal, assentada n'uma base de prata, tendo gravados em torno disticos differentes, que fazem de acção tão illustre engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de D. João de Castro.* Sup-



Selvagens da ilha de Borneo

punha-se, porém, que teria levado o descaminho de tantas outras memorias gloriosas da nossa terra e da nossa gente. Até se chegou a duvidar que ainda existisse esta inestimavel reliquia, n'uma publicação aliás sisuda, a que logo acudiu o nosso mui erudito antiquario, o sr. abbade Castro, assegurando que a conservava com a devida ufania o sr. conde de Penamacor, descendente e successor do vinculo do heroe de Dio.

O desenho que apresentâmos não foi tirado do original, por nos constar que faltam algumas peças da pyramide, o que não podémos averiguar, porque o sr. conde está fóra do reino. Mas é copiado, tal qual, de uma gravura antiga, e confere com a indicação feita no testamento que ao diante vae transcripto.

Posto que seja bem conhecida a historia do empenho das barbas de D. João de Castro, convém recordarmol-a aqui, não só como leitura que muito se deve divulgar nas escholas populares, mas para a completarmos com documentos ainda inéditos.

Tendo D. João de Castro defendido a praça de Dio contra todo o poder do sultão de Cambaya, que a sitiou por muitos mezes, alcançando n'este formidavel cerco a maior victoria de quantas houvemos na conquista da India, ficou a fortaleza toda desmantelada dos repetidos assaltos do inimigo. Teve que a refazer desde a primeira pedra, porque na opinião dos entendidos convinha alargal-a, engrossar os muros, fazer os baluartes mais visinhos, com armazens para recolher as munições e mantimentos, que se corrompiam nos depositos antigos pela humidade do terreno. As despezas da guerra haviam exhaurido as rendas da cidade: D. João de Castro não tinha baixella nem joias de que se valesse: e a obra da fortaleza não podia adiar-se. Foi então que elle tomou o nunca imaginado refugio que transmittiu com a fama de seu nome á posteridade, n'esta memoravel carta que escreveu á cidade de Goa:

«Senhores vereadores, juizes e povo da muito nobre e sempre leal cidade de Goa. Os dias passados vos escrevi por Simão Alvares, cidadão d'essa cidade, as novas da victoria que me Nosso Senhor deu contra os capitães del-rei de Cambaya, e calei na carta os trabalhos e grandes necessidades em que ficava, por que lograsseis mais inteiramente o prazer e contentamento da victoria: mas já agora me pareceu necessario não dissimular mais tempo, e dar-vos conta dos trabalhos em que fico, e pedir-vos ajuda para poder supprir e remediar tamanhas coisas como tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de

Dio derribada até o cimento, sem se poder aproveitar um só palmo de parede; de maneira que não sómente é necessario fabrical-a este verão de novo, mas ainda de tal arte e maneira que perca as esperanças el-rei de Cambaya, de em nenhum tempo a poder tomar.

E com este trabalho tenho outro egual, ou superior a elle, aldemenos para mim muito mais incomportavel de todos, que são as grandes oppressões e continuos achaques que me dão os lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque de outra maneira se me iriam todos, e ficarei só n'esta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande perigo, e por esse respeito toda a India, como quer que os capitães del-rei de Cambaya, com a gente que ficou do desbarato, estão em Suna, que é duas legoas d'esta fortaleza, e el-rei lhes manda engrossar seu campo com gente de pé e de cavallo, fazendo amostras de tornar a tentar fortuna em querer dar outra batalha; para as quaes coisas me é grandemente necessario certa somma de dinheiro; pelo que vos peço muito por mercê, que por quanto isto importa ao serviço del-rei nosso senhor, e por quanto cumpre a vossas honras e lealdades levardes ávante vosso antigo costume e grande virtude, que é acudirdes sempre ás extremas necessidades de sua alteza, como bons e leas vassallos seus, e pelo grande e entranhavel amor que a todos vos tenho, me queiraes emprestar vinte mil pardáos, os quaes vos prometto como cavalleiro, e vos faço juramento dos santos evangelhos de vol-os mandar pagar antes de um anno, posto que tenha e me venham de novo outras oppressões, e necessidades maiores que as de que ao presente estou cercado.

Eu mandei desenterrar D. Fernando meu filho, que os moiros mataram n'esta fortaleza, pelejando por serviço de Deus e del-rei nosso senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharam-n'o de tal maneira que não foi licito ainda agora de o tirar da terra; pelo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues de Azevedo; porque, como já deveis ter sabido, eu não possuo oiro, nem prata, nem movel, nem coisa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente uma verdade sêcca e breve que me Nosso Senhor deu. Mas para que tenhaes por mais certo vosso pagamento, e não pareça, a algumas pessoas, que por alguma maneira podem ficar sem elle, como outras vezes aconteceu, vos mando aqui uma provisão para o thesoureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando toda a quantia que forem rendendo, até serdes pagos. E o modo que n'este pagamento se deve ter o ordenareis lá com elle. Hei por escusado de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais os trabalhos em que fico, porque tenho certo, por todos os respeitos que acima digo, haverdes de fazer tudo e mais do que poderdes, sem entrevir para isso outra coisa, salvo vossas virtudes costumadas, e o amor que todos me tendes, e vos tenho. Encommendo-me, senhores, em vossas mercês. De Dio a 23 de novembro de 1546».

Logo que o portador entregou esta mensagem (diz Diogo do Couto), os vereadores mandaram ajuntar o povo em camara, e o do meio leu a carta do governador, e dentro n'ella acharam o rico penhor da sua veneranda barba, embrulhada em outro papel; e vendo o que dizia na carta, fez sobre isso uma breve falla a todos, em que lhes representava a necessidade em que estava o governador, e como n'aquelle negocio ia toda a salvação e remedio da India; que aquelle era o tempo em que todos os bons portuguezes haviam de mostrar o grande amor e zelo que tinham ao serviço do seu rei, que os saberia mui bem galardoar com honras, privilegios e liberdades. Que era muita razão que todos acudissem e emprestassem ao governador aquillo que de boamente podessem, porque assim o encommendava elle muito, e que a paga seria nos direitos da alfandega e nos dos cavallos.

Vendo os cidadãos a honrosa carta do governador, e a guedelha da sua branca barba, movidos do zelo portuguez, disseram «que estavam muito prestes para venderem (se fosse necessario) os filhos pelo serviço de seu rei, e para a defensão de seu estado». E saídos d'alli, foram a suas casas ordenar o que cada um havia de dar (porque este negocio não correu por força, nem com as desordens que em similhantes casos acontecem, senão por gosto e amor).

Sabendo as mulheres dos cidadãos aquella necessidade, levadas de um honroso zelo, tiraram as manilhas de oiro de seus braços, e os ricos collares esmaltados de seus pescoços, e os cintos de rica pedraria com que se costumavam arraiar nos dias de suas móres festas; e as que menos podiam, as cadeias, orelheiras e anneis. E dando tudo isto aos maridos lhes disseram: «que tudo se empenhasse e vendesse para o serviço do seu rei, e para a defensão de sua patria».

Louvem agora os escriptores (continúa o nosso chronista) aquella grande liberalidade com que as matronas romanas mandaram offerecer ao senado suas joias para as despezas da guerra, porque nenhuma d'ellas emprestou mais que uma onça de oiro, porque, pela lei, o peão não podia ter mais em joias lavradas.

Os cidadãos de Goa, ajuntando logo o dinheiro que cada um pôde, o levaram á camara, e com elle as joias das mulheres, que tudo perfazia maior quantia de dinheiro do que o governador pedia. E recolhendo tudo em um cofre, e a guedelha da barba do governador em outro pequeno, guarnecido de prata, lhe mandaram tudo pelo mesmo Diogo Rodrigues de Azevedo, escrevendo-lhe uma breve carta, em que lhe certificavam, «que se fosse necessario empenharem seus filhos para o serviço de seu rei, que todos o fariam com muito gosto».

D'esta briosa carta daremos alguns periodos, para a inteireza da narrativa que estamos fazendo, não tirados da que anda nas edições de Jacintho Freire, que está mutilada, mas da que o douto prelado D. Francisco de S. Luiz publicou, copiada por elle do autographo.

«Illustrissimo e excellente capitão geral e governador da India, pelo muito alto e muito poderoso e muito clemente principe el-rei nosso senhor.

«Diogo Rodrigues de Azevedo chegou a esta cidade segunda feira seis dias do mez de dezembro; e o dia seguinte deu em camara uma carta de sua illustrissima senhoria, que foi lida com muito prazer e grande contentamento, por sabermos da sua saude. A qual nova sempre queriamos saber, e muito melhores lhe desejâmos. E por ella a cidade e todo este povo, em geral e em especial, damos muitas graças a Nosso Senhor, e temos esta esperança em nossa Virgem Maria madre de Deus, nossa advogada, que tendo os povos da India a vossa senhoria illustrissima por seu duque e governador, em nossas affrontas e trabalhos nunca careceremos de ajudas divinaes, por o merecimento de seu catholico e modesto viver, em auto e obras de muitas e louvadas virtudes: e com esta esperança vivemos em novo repouso por a presente e gloriosa victoria que por seu prudente conselho, grande esforço e cavallaria, venceu e descercou a fortaleza de Dio, e desbaratar e destruir o poder del-rei de Cambaya com mais outros vinte mil homens moiros, turcos, rumes, coraçoes, e christãos renegados da fé de Nosso Senhor; allemães, venezianos, genovezes, francezes, e assim de outras muitas e diversas nações, dos quaes grande parte foram mortos a ferro de lança

e de espada, de que a cidade tem certeza por pessoas de bem que de vista foram presentes, etc.

....

«E quanto ao emprestimo que em nome del-rei nosso senhor nos manda pedir: Responde a cidade, que os moradores faremos de presente, e sempre que cumprir, servirmos sua alteza com as fazendas e vidas, e com as almas.

....

«E porque a tenção da cidade e de todos é servir vossa illustrissima senhoria, havendo respeito que o tal emprestimo cumpre muito ao serviço del-rei nosso senhor, cuja a cidade é, e todos somos, com muita diligencia e cuidado, d'aquelle dia que Diogo Rodrigues de Azevedo deu o recado até o fazer d'esta, que são vinte e sete de dezembro, se ajuntaram vinte mil cento quarenta e seis pardáos e uma tanga, de cinco tangas o pardão, os quaes emprestou esta cidade, a saber: cidadãos e o povo, e assim os bramenes, mercadores, gancares e ourives; a saber: emprestaram os gentios todos nove mil duzentos e tantos pardáos; e todo o mais emprestou a cidade, que faz tudo a dita quantia dos ditos vinte mil cento quarenta e seis pardáos e uma tanga; do qual dinheiro fica na camara feito livro e registo das pessoas que o emprestaram, para se lhes tornar quando v. s. ordenar e mandar; os quaes emprestaram o dito dinheiro, uns e outros, sem constrangimento algum, e de suas livres vontades cada um deu o que quiz e teve por bem; e alguns houve que deram duas vezes por servir a el-rei nosso senhor e v. s., e por honra da cidade, o que é muito para estimar dar-se o dito emprestimo de graciosa vontade, sem oppressão nem fadiga.

....

«E quanto, senhor, aos penhores que nos manda, a cidade e moradores nos temos por aggravados de v. s. ter tão pouca confiança em nós, e em nossas lealdades, que para coisa que tanto cumpria ao serviço del-rei nosso senhor, e a seu estado real, não era necessario tão honrados e illustres penhores, porque nossa lealdade nos obriga ao serviço del-rei, e a presente necessidade; e depois d'isso as obrigações em que somos, e a grande affeição e muito amor que v. s. tem a esta cidade e moradores; e por elle, e tudo o mais que n'este caso lhe sentimos, lhe beijâmos as mãos, e rogâmos a nosso senhor que lhe dê perfeita saude, e o prospere de muita honra e grandes victorias contra os inimigos de nossa santa fé. E todavia, senhor, Diogo Rodrigues de Azevedo lhe torna a levar os seus penhores; e assim lhe levam elle e Bartholomeu Bispo, procurador da cidade, o dito dinheiro que lhe a cidade e povo d'ella emprestaram de sua boa e livre vontade. E assim lhe levam mais a provisão que cá mandou para o thesoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por mercê que tudo acceite, como de leaes vassallos que somos a el-rei nosso senhor, e a v. s. mui obrigados. Escripta em Camara a 27 de dezembro de 547. E eu Luiz Tremessão, escrivão da camara, o mandei escrever, e subscrevi por licença que para isso tenho. *Pero Godinho, João Rodrigues Paes, Ruy Dias, Jorge Ribeiro, Bartholomeu Bispo*».

Não falla esta carta nas joias offerecidas pelas damas de Goa, a que se refere Diogo do Couto na *Decada* VI. liv. 4. cap. 4., auctor mui veridico que escreveu n'aquella cidade, e alli foi guarda-mór da torre do Tombo.

É de crer que fosse donativo separado do emprestimo dos pardáos: joias que D. João de Castro não acceitou, como se deprehende do que na mesma *Decada* diz Couto (liv. 5. cap. 3), já depois do vencedor de Dio ter regressado triumphantemente a Goa, quando teve novas de que o inimigo voltava a affrontar aquella fortaleza.

«Por esta occasião (refere Diogo do Couto), ajuntando-se os vereadores em camara, fizeram chamamento do povo, e lhe lembraram a necessidade que de novo se offerecia, e que era razão não faltassem a ella; que seria bom fazerem seus offerecimentos ao governador, pois elle era tal que da outra vez lhe não quizera acceitar coisa alguma. E parecendo bem a todos, foram os vereadores ao governador, e lhe fizeram seus comprimentos, certificando-lhe que estavam todos prestes para o servirem com o amor e vontade que sempre n'elles achou. O governador lhes agradeceu aquillo com palavras muito honradas, e lhes pediu dez mil pardáos, que lhe elles logo negociaram».

«E passando n'esta materia ainda mais adiante, além do dinheiro que lhes pediram, houve muitas mulheres de cidadãos ricos e honrados que tomaram suas joias em cofres e bocetas, e as mandaram por suas filhas meninas apresentar ao governador, pedindo-lhe «que pois da outra vez que lh'as mandaram *as não quiz gastar*, ou porque não fosse necessario, ou por outra alguma razão que para isso teria, que estimariam muito servir-se elle por então d'ellas, pois era para coisa tão importante e necessaria». Vendo o governador aquella grande lealdade, amor e liberalidade, ficou admirado; e não tocando nas joias, lh'as tornou a mandar com palavras de grandes agradecimentos, dizendo: «Que mais estimava aquelle amor e vontade, que todos os thesouros da terra:» e ás meninas que levavam as joias, deu peças de damasco e de outras sedas. E por aqui se verá o amor e gosto com que todos serviam o seu rei, porque achavam nos seus governadores este primor, honra e verdade.»

Eis o que consta dos nossos chronistas da Asia, tocante ao penhor das barbas de tão honrado e valoroso governador da India. Como se sabe, D. João de Castro falleceu em Goa dois annos depois da victoria de Dio. No testamento que fez em Lisboa, aos 19 de março de 1545, ordenára elle que, se morresse na India, os seus ossos fossem trasladados á capella da sua quinta de Penha Verde, em Cintra; disposição que se não cumpriu, porque, trazidos ao reino, e aqui recebidos com grande solemnidade, sendo levados aos hombros de quatro netos seus ao convento de S. Domingos de Lisboa, onde por muitos dias se lhes fizeram sumptuosas exequias, foram depois conduzidos ao convento de S. Domingos de Bemfica.

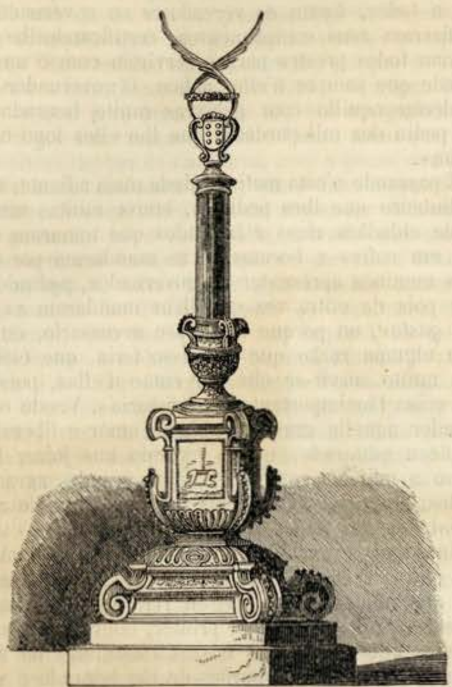
Ahi estiveram por alguns annos encerrados n'um decoroso tumulo, em quanto se não concluiu a grandiosa capella que n'aquelle convento mandou edificar, para jazigo dos Castros, o bispo da Guarda D. Francisco de Castro, neto paterno do heroico vice-rei, cujas cinzas se acham depositadas na principal sepultura d'esta capella, da qual já démos estampa e descripção. [1]

Foi este bispo quem conservou a estimavel reliquia dos cabellos da barba de D. João de Castro, vindos de Goa, e quem lhe mandou fazer o obelisco desenhado na gravura que hoje publicâmos, deixando-o vinculado no testamento com que falleceu em 1563, como consta da seguinte verba, cuja copia devemos á obsequiosa amizade do sr. visconde de Juromenha:

«Celebrada foi na India e n'este reino, e ainda das nações estrangeiras, aquella acção de meu avô, quando, governando aquelle estado, para reedificar a fortaleza de Dio mandou a Goa empenhar uma madeixa de cabellos da sua barba. Acudiu-lhe a cidade com o emprestimo, mas não acceitou o penhor, ou fosse por confiar mais na palavra do seu governador, ou por julgar a prenda por digna de maior empenho. Por tal a estimâmos seus descendentes, e para conservar a memoria d'aquella acção, mandei eu fazer uma peça de prata doirada, sobre a qual, em um canudo de

[1] A pag. 101 d'este vol.

cristal, mandei recolher aquelles cabellos. Esta peça com o caixão em que eu a tenho e se lhe fez logar accommodado, deixo a minha sobrinha D. Marianna, para ella e para os successores do morgado de Penha Verde, com o mesmo vinculo, conforme a instituição, de meu avô».



Redoma onde se conservam as barbas de D. João de Castro

Andou esta preciosidade em morgado na casa dos Castros, até que em 1681, fallecendo D. Marianna de Noronha e Castro, sobrinha do bispo instituidor, deixou todos os seus bens livres aos padres theatinos da Divina Providencia, com certa obrigação de missas; e o restante para fazerem uma egreja nova, em cuja sacristia estivesse sempre a redoma dos *bigodes* de seu trisavô.

Diz o testamento, que extractâmos do traslado que ha na collecção dos manuscriptos vindos do convento dos Caetanos para a bibliotheca nacional:

«Ordeno que asseguradas as tenças e mais legados e encargos que deixo n'este meu testamento, os mais bens que tenho... tudo deixo aos religiosos theatinos da Divina Providencia, para que se mettam de posse d'elles, com obrigação de dizerem duas missas quotidianas por alma da condessa de Odemira, minha tia, para as quaes obriguei sessenta mil réis cada anno, para ambas... É minha vontade que de tudo o mais que renderem façam uma egreja nova, por ser a que tem um remendo muito velho e arriscado a cair. E feita a dita egreja, ou em quanto se não principiar, lhes deixo os ditos (29) moios por esmola para a cera, ornamento e fabrica da sacristia.

«Quero mais e ordeno que os bigodes de meu trisavô D. João de Castro, viso-rei da India, os tenham sempre para eterna memoria os ditos religiosos theatinos da Divina Providencia em logar decente d'esta sua sacristia, com o mesmo ornato de prata e caixa com que lh'os deixo, sem os poderem mudar nem desfazer-se d'elles; e a elles deixo o livro da familia dos Castros com o mesmo encargo de se não desfazerem d'elle».

Não se sabe até quando este relicario esteve na sacristia dos Caetanos; é certo, porém, que no principio d'este seculo, quando se começou a publicar a excellente collecção de *Retratos e elogios de varões e donas que illustraram a nação portugueza*, já elle se achava na casa dos condes de Penamacor, porque o auctor do elogio que acompanha o retrato de D. João de Castro que alli vem, assim o declara, fazendo d'este monumento a mais circunstanciada descripção que d'elle existe, dizendo que é uma peça de prata doirada, com tubo de cristal onde está recolhida a madeixa dos cabellos das barbas do vice-rei. Tem dois palmos ($0^m,44$) de altura, e o pé quatro faces. A primeira tem no meio uma praça de armas [1] em relêvo, com este moto: *Sic firmius.* E em volta a legenda: *Abstulit sed non parca patria.*

Nas outras tres faces lêem-se os seguintes disticos:

Nisi uno Regis pendebat vita capillo;
Castre tuo Regni pendula vita pillo est.

Sanson crine suas scisso male perdidit arces
Servas crine tuo sed bene, Castre, tuam.

Orbem humeris sustentat Atlas, tu crine Joannes
Visus es Eoas sistinuisse plagas.

No remate tem o escudo das armas dos Castros, que são seis arruellas, e sobre o coronel dois ramos de palma.

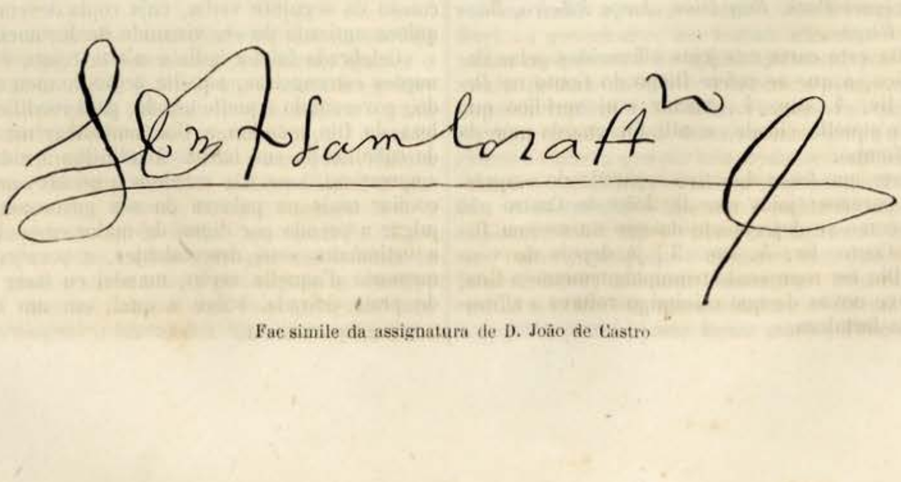
Esta pyramide, como lhe chama Jacintho Freire de Andrade, está hoje em poder do exc. conde de Penamacor, D. Antonio de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria, com alguma falta de peças de prata dos ornatos, que lhe furtou um criado em 1836. Este mesmo fidalgo mandou ha annos restaurar a capella de Bemfica, onde jaz o heroico defensor de Dio.

Eis-aqui a historia d'este singular monumento da probidade, e, podêmos dizel-o, da pobreza de um homem, que teve o vice-reinado em que tantos enriqueceram!

Conservemos, pois, e acatemos tão preciosa reliquia.

Para remate d'este artigo, poremos aqui o *fac simile* da assignatura de D. João de Castro, tirado do seu testamento, e que devemos á notoria obsequiosidade do sr. abbade Castro.

[1] Deve ser a de Dio, para cuja edificação elle empenhava as barbas.



Fac simile da assignatura de D. João de Castro